

A CASA TOMBADA

FACONNECT- FACULDADE CONECTADA

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

O LIVRO PARA A INFÂNCIA: PROCESSOS CONTEMPORÂNEOS DE
CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO

Cristiana Ferreira de Oliveira Gomes

(MINHAS) PALAVRAS ACERCA DO LIVRO ILUSTRADO

SÃO PAULO

2021

Trabalho de conclusão de curso apresentado à A Casa Tombada, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título especialista em Pós- Graduação Lato Sensu - O Livro para a Infância: Processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, orientação de Cristiane Rogerio.

RESUMO: Este trabalho é o registro de um processo de olhar para minhas próprias anotações no percurso de uma pós-graduação de dois anos. Destaquei questões sobre o livro ilustrado expostas no decorrer desse texto em diálogo com referências e professores do curso. Esse processo resultou num livro objeto feito à mão considerando também reflexões sobre a materialidade do livro e seu lugar nas narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: livro ilustrado, livro para infância, literatura para infância, literatura infantil, livro objeto, materialidade do livro, códice, narrativa de imagem, picture book, álbum ilustrado, design gráfico.

Cheguei à A Casa Tombada pelo livro e pela infância.

Sujeitos, se é que posso chamar assim, que me acompanham há anos.

Não sabia que o que eu buscava tinha nome.

Livro ilustrado, assim nomearam nossos professores.

Infância se tornou infâncias.

Imagem virou narrativa.

Livro, tempo.

Escrita, gesto.

INTRODUÇÃO

“Livro ilustrado”, “livro imagem”, “livro álbum”...

As nomenclaturas, os conceitos e exemplos desta forma de narrar histórias foi uma das surpresas no curso de pós-graduação O Livro Para a Infância. Quando fui incentivada a olhar para a minha trajetória por estes dois anos por meio das anotações de meu caderno, surgiu o desejo de escrever sobre isso. Para tanto, segui o convite da coordenação para criar um “livro-percurso” e, na produção, construí um livro em que minhas anotações se destacam e se misturam, como uma metáfora do processo de estudar.

Neste trabalho, escolhi o termo “Livro ilustrado” para tratar das narrativas textuais e imagéticas que se unem para contar histórias. Apoiei-me na definição do pesquisador e autor de livros ilustrados, Odilon Moraes, que faz um paralelo com a dança, dizendo que, *como numa coreografia, neste tipo de livro ilustrações e palavras são imprescindíveis umas às outras. Tudo para que o leitor alcance diferentes camadas em uma mesma narrativa.*

Ao longo do segundo semestre de 2020, experimentei diversas formas de suporte para meus textos, pois minha intenção sempre foi de que as escritas do meu caderno se tornassem parte de um livro objeto. Continuo neste processo, como se esta relação entre estudo e produção não precisasse de um ponto final definitivo e seguisse sempre em movimento.

A última etapa, por enquanto - e é a que vocês veem aqui -, aconteceu após a leitura das professoras Ângela Castelo Branco e Carolina Moreyra, que formaram a banca de

apresentação do trabalho e a quem agradeço profundamente pelas contribuições fundamentais ao texto.

El camino se hace al andar...

Esther Ferrer



<https://estherferrer.fr/en/the-performances/walking-is-the-way>

A artista plástica espanhola Esther Ferrer realizou uma série de performances pelo mundo abordando uma ideia: os caminhos se fazem na caminhada.

Trago para meu trabalho - referindo-me à minha própria jornada - esta mesma ideia, de que o percurso é traçado um passo após o outro, um passo como causa ou consequência do outro.

Habito a história que decidi exhibir.

Luiza Christov

aula* 18/07/2020

No caminho que percorri ao estudar o livro para a infância, atravessei muitos lugares e fui atravessada por eles. Em alguns me demorei mais, de outros me lembro menos. Peguei desvios, escolhi companhias, fui escolhida e descartada também. Um trajeto em que atolei, retomei fôlego; cheguei. Encorajada por mãos, gestos, palavras (não) ditas, lidas, escritas, assumi estar aqui, riscando e arriscando criar um texto a partir da minha experiência.

***A coletivização do conhecimento é necessária
para acrescentar outras experiências
às experiências individuais.***

Luiza Christov

aula* 04/07/2020

A quem ler, digo que aqui está uma experiência profunda ou o que pude e como pude compartilhar. *O que me tombou, tocou, o que me fez estremecer.*

Para que serve ser feliz?

Para saber que há um lugar para onde podemos voltar.

Simone Paulino

aula* 06/09/2020

Reverencio professores, colegas e autores que chegaram antes ou durante a jornada. Sinto-me já agradecida aos que virão.

Seguirei outros caminhos, outros começos. Diferentes, diferente eu. Feliz.

A ideia que está na raiz deste trabalho é o desejo de transformar minha *experiência* em palavras. Seria possível? Volto-me ao filósofo espanhol Jorge Larrosa:

A experiência é algo que nos passa, nos acontece, nos toca.

Algo que nos tomba e nos faz levantar diferentes.

(2020, Tremores - Escritos sobre experiência, pág. 18)

Teria surgido uma nova experiência, a experiência de narrar a mim mesma? Refleti muito sobre como concretizar a apresentação do meu percurso.

Fiz mapa, caderno, costura.

Recortei, coleí, emendei.

Sobraram pedaços dos meus escritos.

Parágrafos divididos, frases interrompidas, palavras separadas.

Por fim, tudo o que deu errado me levou a fazer o inevitável: um livro.

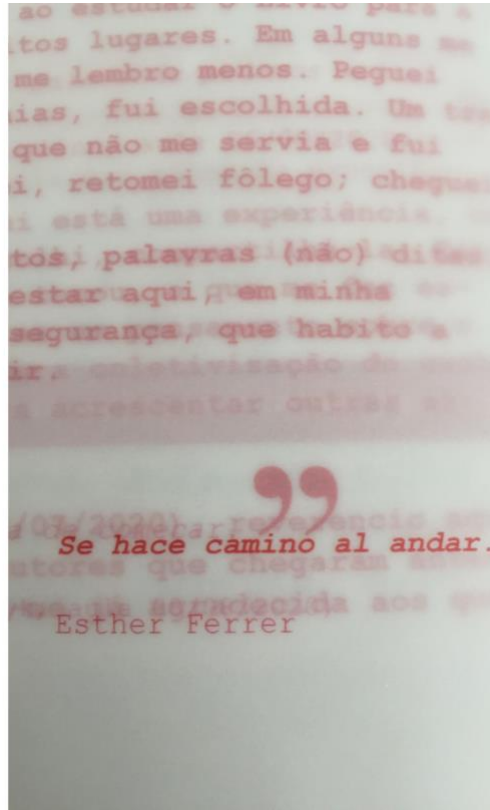
Um livro em que citações de professores e autores se juntam às minhas próprias palavras, ensaiando um pensamento sobre os mistérios da criação e da leitura de um livro ilustrado.

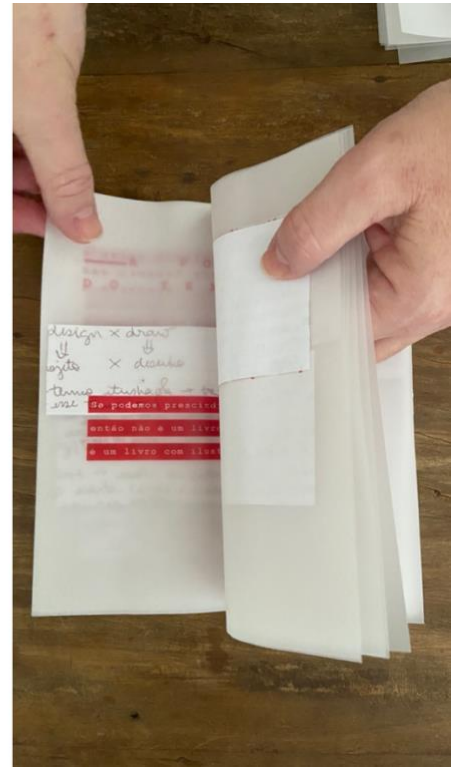
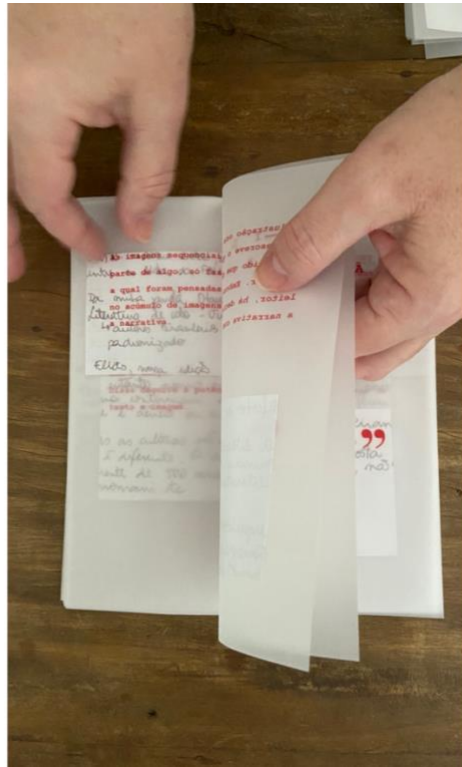
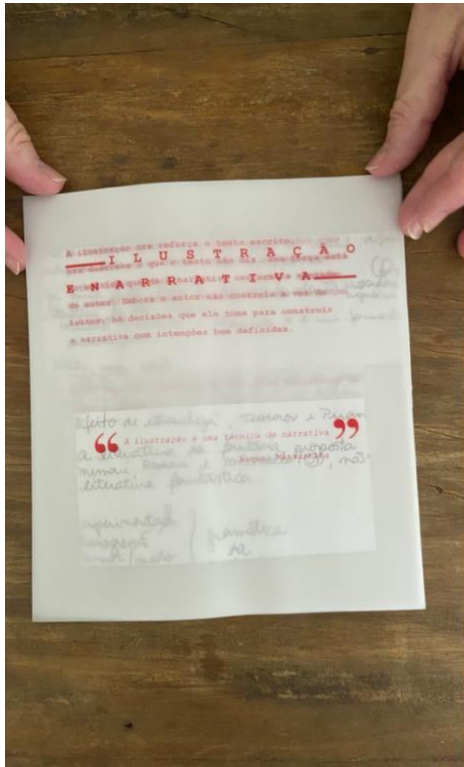
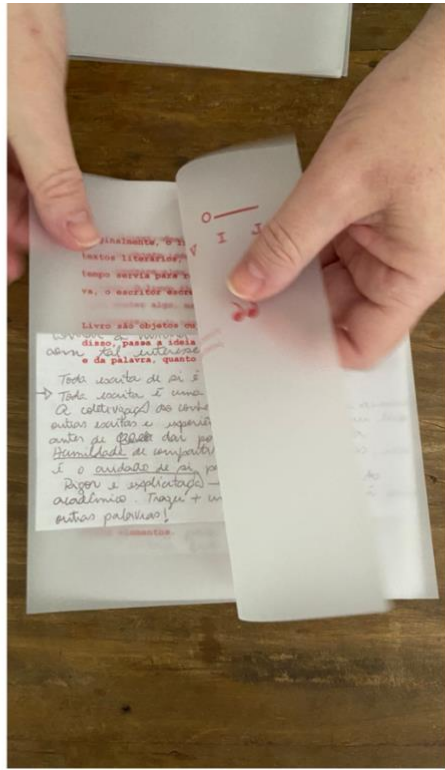
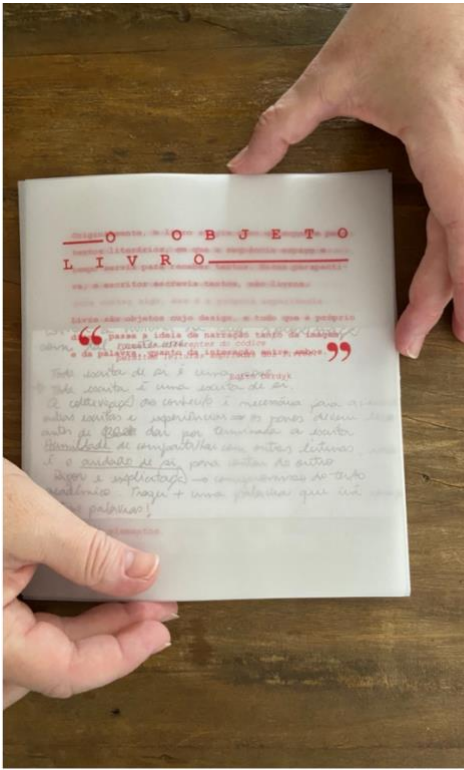
Compartilho imagens do livro que produzi e um breve filme, que contribuem para a percepção de sua materialidade, tão cara para mim.

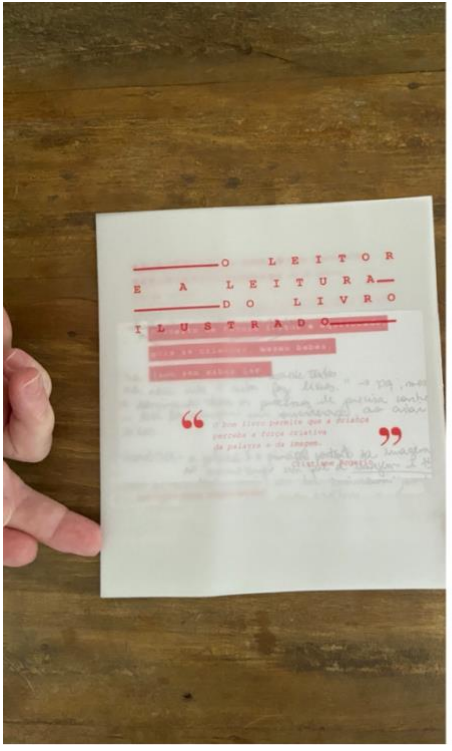
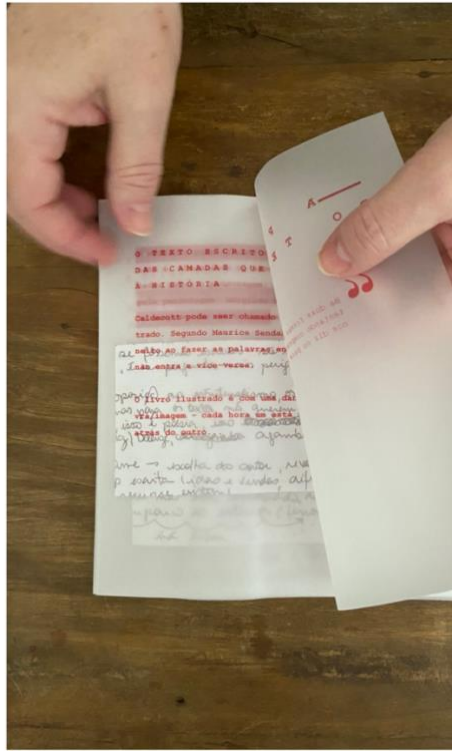
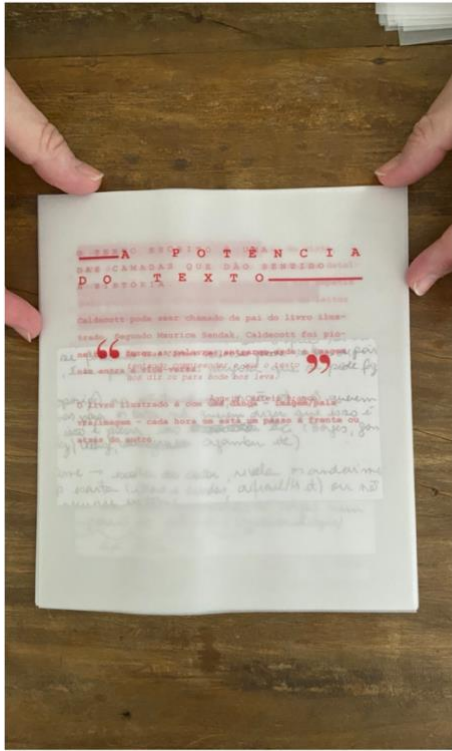
Primeiro, podem acessar este link e ver o livro em minhas mãos. Em seguida, algumas fotografias para verem mais detalhes:

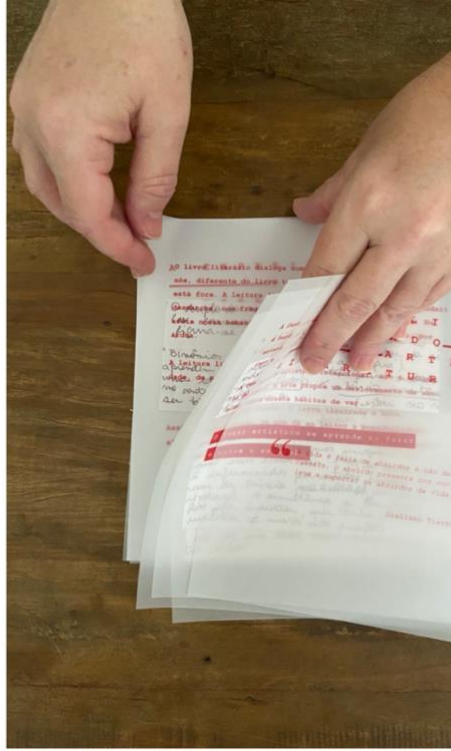
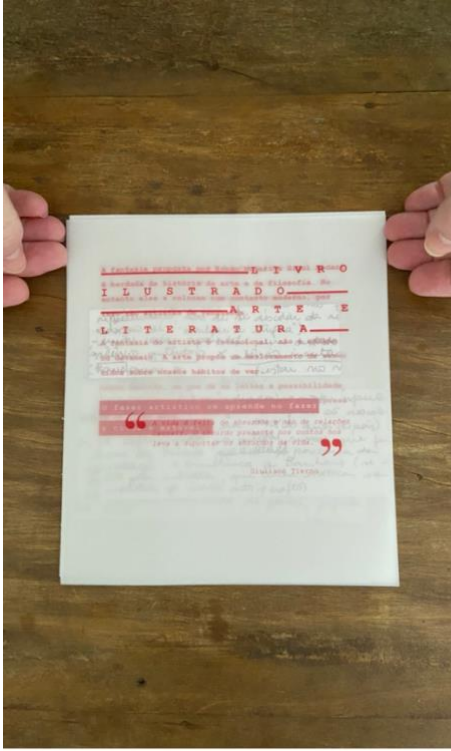
<https://youtu.be/XxdQ2CBJcX8>











O O B J E T O L I V R O

Formatos diferentes do códice permitem leituras ampliadas dos livros.

Edith Derdyk
aula* 08/08/2020

Minha escolha por ensaiar um pensamento sobre o livro ilustrado apontou meu olhar para uma direção: o livro como suporte para narrativas textuais e imagéticas. Os livros aos quais me refiro apresentam designs capazes de reunir narração de imagem, de palavra e da interação entre ambas. Nesse grupo de livros, a preocupação com o design tem papel fundamental para os sentidos das narrativas. Assim como a designer, autora e educadora Raquel Matsushita, entendo o design como um pensamento, fortemente relacionado à narrativa, desde as cores, papéis e texturas até a tipografia e o tamanho do livro, passando por muitos outros elementos.

O design é, antes de tudo, um pensamento. Portanto é também narrativa.

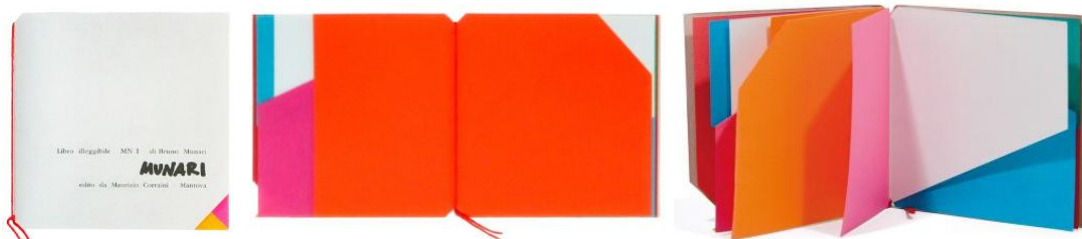
Raquel Matsushita
aula*07/09/2020

Essa perspectiva se alinha à ideia de que as ilustrações em um livro podem não estar somente a serviço do texto, mas, sim, ser elemento da própria narrativa e que ainda se reforçaria se o objeto que suporta as linguagens exibisse determinada materialidade que fosse em si uma camada da experiência de leitura.

O designer italiano Bruno Munari (1907-1998) foi um dos que difundiu o conceito de que livros não servem apenas como suporte para textos ou imagens. Para ele, o sentido da

narrativa inclui outras variáveis, capazes de comunicar algo em termos táteis e visuais.

A partir dessa ideia, criou os *Livros Ilegíveis* (1949), em que o ritmo da narrativa é dado por cores, recortes, formas e texturas.



Anos mais tarde criou os *Pré-Livros* (1980), um compêndio de 12 livros de 10 cm x 10 cm, feitos de cores, texturas e tipos de encadernação diferentes. Com eles, Munari quis oferecer às crianças pequenas a possibilidade de perceber o livro como objeto, independentemente de saberem ler, escrever e de se relacionar com uma história.



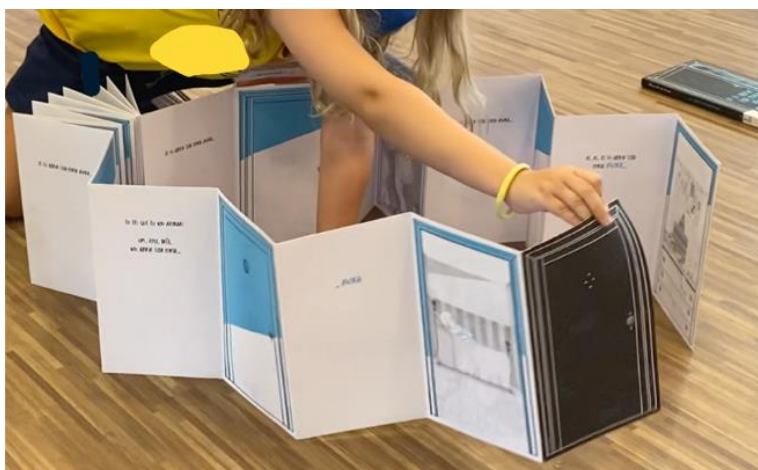
Ainda hoje para muitos de nós é surpreendente pensar em que tipo de relação de leitura os livros citados acima podem provocar em uma criança. Como são estimuladas a lerem o que não tem palavras, abrem-se para outros elementos das páginas para se apropriarem de algo. No livro ilustrado, isso também pode acontecer, provocando relações de leitura em que crianças e adultos compreendem ou atribuem significados de maneiras diferentes a um mesmo livro.

Deve haver a sensação de que os livros são, na realidade, objetos como qualquer outro e contêm uma enorme variedade de surpresas. A cultura surge das surpresas, das coisas desconhecidas até então.

Bruno Munari
(1980, Pre libri)

A conexão do corpo com o livro-objeto, um como continuação do outro, é mais um aspecto que amplia as possibilidades de narrativa de histórias. O corpo do leitor pode ser um corpo-leitor quando leitura ativa gestos e sentidos. Acredito ser possível ler com toques e movimentos e ensaiar coreografias com o livro-objeto, levados por sua materialidade. Quando isso ocorre, o corpo do livro afeta o corpo do leitor e juntos dançam até o fim! Essa relação é algo que as crianças se dispõem a fazer com muito mais entusiasmo que os leitores experientes, que já adquiriram comportamentos de leitura tidos como convencionais ao longo da vida.





A exploração da materialidade presente em **Se eu abrir esta porta agora...**, de Alexandre Rampazo, acrescenta mais uma camada de leitura além do texto e da imagem. Criado no formato sanfonado e com uma história em que, de um lado o leitor vê a partir da perspectiva de um menino e, do outro, de seres assustadores, o autor convida o leitor a usar o corpo para acompanhar a história, abrindo e fechando as portas que dão uma ou mais direções à narrativa. Como nas fotos, para além da leitura convencional - como no códice em que viramos uma página após a outra -, a criança ou o adulto podem criar formatos diferentes com o próprio objeto, e se relacionar com ele de diversas maneiras.

Este livro é de 2018 e nas últimas duas décadas o Brasil pôde assistir a um aumento na oferta deste tipo de livros. A própria nomenclatura "livro ilustrado" habita há pouco tempo o vocabulário dos pesquisadores brasileiros. Mesmo com autores como Eva Furnari, Angela Lago e Nelson Cruz - entre tantos outros - criando obras com estas formas de narrar, foi a partir de traduções de teorias como as da pesquisadora francesa Sophie Van Der Linden, em *Para ler o livro ilustrado*, que ampliamos o nosso olhar para a criação e a mediação destes tipos de livros. Em sua obra, traduzida pela Cosac Naify pela primeira vez em 2011, Linden propôs três categorias de livros: ilustrativos (palavras conduzem a história), narrativos (palavra e imagem se juntam para contar a história) e gráficos (criações de designers). Ao mesmo

tempo, afirmou que há livros híbridos, que tocam em mais de uma categoria. O livro ilustrado, que me interessou e sobre o qual pesquisei para escrever este trabalho, é o que não se enquadra em apenas uma categoria.



Na noite escura, de Bruno Munari, de 1956, é o único livro do autor publicado no Brasil - também como movimento da editora Cosac Naify de trazer os clássicos neste gênero textual - e atualmente está fora de catálogo. Desde que conheci o livro encantei-me com a diversidade das páginas: cores claras e escuras, transparentes e opacas, espaços vazados grandes e mínimos. É essa diversidade que dá um sentido à narrativa, gera surpresa e convoca o leitor à ação, a manusear o virar das páginas mais rápido ou mais devagar e atravessar o olhar por transparências e passagens inesperadas. Ao contrário dos Livros ilegíveis e dos Pré-livros, o autor sugere mais precisamente uma narrativa, que o encaminha para o desfecho imaginado por ele.

I L U S T R A Ç Ã O E N A R R A T I V A

A ilustração é uma técnica narrativa.

Raquel Matsushita

aula* 07/09/2019

Em muitos livros para a infância, as ilustrações podem tanto reforçar o texto escrito, como descrever o que o texto não diz. Já no livro ilustrado, a força das imagens está diretamente ligada à direção que é capaz de dar à narrativa, conforme a vontade do autor ou autores - escritor e ilustrador, que podem ou não ser a mesma pessoa. Embora não tenha o controle da voz do leitor, há decisões tomadas pelo autor quanto à construção da narrativa, da imagem e do texto, com intenções bem definidas e determinantes para o andamento e a compreensão de uma história.

Por isso, as imagens sequenciais presentes no livro ilustrado são criadas como parte de algo, e só fazem sentido na sequência para a qual foram pensadas. Isto é, o sentido da história se dá no acúmulo de imagens e, quando isoladas, podem provocar outros sentidos.

Em 2020 publiquei meu primeiro livro ilustrado, fruto de uma ideia que coloquei em exercício na oficina de livro ilustrado com Odilon Moraes e Carolina Moreyra, também, n'A Casa Tombada. Durante o curso, pude experimentar estas relações e apresentei a história de O Pai da Mamãe, lançado pela Editora Caixote. Para tanto, criei um boneco com texto e imagens distribuídos de forma a dar o sentido que desejava a minha história. Deste boneco, os professores me orientaram para, por exemplo, transferir a primeira frase do livro para

a última! No final, foi meu professor, Odilon, quem fez as ilustrações e até o último momento pensamos em detalhes para manter o jogo entre revelações ora da palavra, ora da imagem, para a leitura da história. O próprio título, O pai da mamãe faz parte deste jogo.

A partir dessa experiência tive ainda mais clareza de que mudanças na disposição das páginas ilustradas altera a história e coloca em evidência a importância de um equilíbrio gerado pela força da junção das narrativas de texto e imagem.



Vizinho, vizinha, de Graça Lima, Mariana Massarani e Roger Mello, apresenta três narrativas em uma. A solução criada para narrar o dia a dia dos moradores dentro de seus apartamentos, vizinhos de porta, mais o que se passa no hall das escadas, ocorre na sequência e disposição das imagens, todas em páginas duplas. Ao abrir o livro, o leitor está dentro do prédio e observa tudo através das paredes que os autores, gentilmente, derrubaram.



Em **À esquerda, à direita**, Jimmy Liao apresenta uma narrativa que se movimenta pelas páginas e guia o leitor pelos caminhos de dois personagens. Mais uma vez, as ilustrações em páginas duplas ampliam a visão dos acontecimentos e geram a expectativa do encontro. Levado por palavras, silêncios e imagens, o leitor anseia para que, em algum momento, os personagens caminhem um na direção do outro.

Acho importante destacar que, nos livros ilustrados, o conceito de "feio" e "bonito" ou de "qualidade" ou até de

“sofisticação” de uma ilustração também ganha outra dimensão. A ilustração não precisa ser necessariamente “boa” do ponto de vista técnico, mas da narrativa, ou seja, da história que uma sequência de imagens é capaz de contar. Portanto seu valor estético está fortemente ligado ao contexto entre imagem e palavra e à qualidade da narrativa estabelecida por ambos.

A P O T Ê N C I A D O T E X T O

Há duas formas de ler um livro: tentando compreender o que o texto nos diz ou para onde ele nos leva.

Ângela Castelo Branco
aula* 30/11/2019

O texto constitui, junto com as imagens e o design gráfico, uma das camadas que dão sentido à história nos livros ilustrados. Como em outros gêneros, a figura do narrador pode assumir vários pontos de vista, oferecendo ou escondendo informações sobre espaço e tempo ou características de personagens; mostrando ou não empatia por eles; exigindo mais ou menos do leitor para a compreensão da narrativa. Se quem cria a história é um escritor, cabe a ele pensar que o livro será orquestrado considerando qual o papel das imagens nas narrativas.

A palavra no texto ora restringe o significado ora o expande. São escolhas do autor: o quanto abrir para interpretação do leitor.

Carolina Moreyra
aula* 01/06/2019

Em minha experiência como leitora, penso que as palavras de um texto servem tanto para dizer, quanto para esconder algo, por isso é tão importante saber quando cortá-las. No texto escrito, o narrador oferece pistas de interpretação para que o leitor componha o percurso da narrativa durante a leitura. A perspectiva do narrador das palavras pode ou não se enredar pela perspectiva da narrativa imagética, ou ainda, pode alternar-se entre as duas. Quem escreve um livro ilustrado, portanto, ocupa um lugar diferente do escritor de narrativas convencionais.



Jon Klassen, autor de **Este chapéu não é meu**, mostra que a força do texto não é proporcional à quantidade de frases ou parágrafos de um livro. Neste exemplo, as imagens magnetizam o leitor com detalhes discretos, mas imprescindíveis para o sentido da história e a compreensão da narrativa de poucas palavras, criteriosamente escolhidas. Na história, um peixe pequeno rouba um chapéu de um peixe grande. O leitor lê em texto a narração em primeira pessoa do corajoso peixinho que acha justo seu ato e acredita que irá se

safar do peixe maior. Mas, nas imagens, o leitor assiste ao movimento do peixe grande muito perto de descobrir a verdade. Assim, o leitor do livro é o único a ter todas as informações da história, o que pode provocar riso ou aflição para que chegue logo o final. A coesão entre os dois é o que faz a história funcionar.

Na história do livro ilustrado moderno, o artista britânico Randolph Caldecott (1846-1886) é apontado como o pioneiro na apresentação de livros em que a informação da narrativa ora vem com imagem, ora com palavra ao apresentar livros em que a palavra entra onde a imagem não entra e vice-versa, inventando a narrativa que chamamos aqui de livro ilustrado. Em suas obras, que movimentaram o mercado inglês de livros para infância no século XIX, Caldecott usa até cantigas tradicionais como inspiração, explorando muito mais a forma de narrar do que o enredo em si. Volto às palavras de Odilon Moraes: *como uma dança, a cada instante, a cada virar de página, um está um passo à frente ou atrás do outro.*

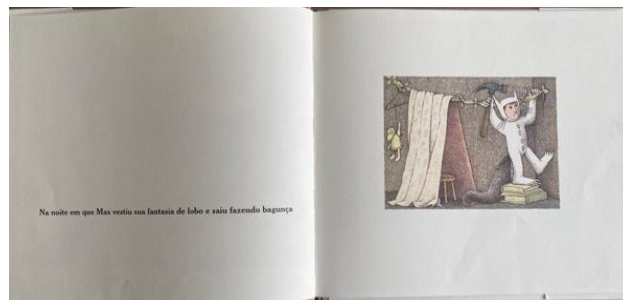
Na velha arte, o escritor escreve textos, na nova arte o autor faz livros. Fazer livros é perceber sua sequência ideal de espaço-tempo por meio da criação de uma sequência paralela de signos, sejam linguísticos ou não.

Ulises Carrión

(2011, A nova arte de fazer livros, pág.15)

O norte-americano Maurice Sendak (1928-2012) foi dos primeiros a escrever sobre o modo de narrar de Caldecott e as possibilidades do livro infantil moderno. Claramente inspirado por ele, em **Onde vivem os monstros**, Sendak criou um marco ao contar a história de Max, um menino que desobedece a mãe e é chamado de "monstro" por ela que está muito brava. Deixado de castigo e sem jantar, o menino vive uma grande aventura a partir do próprio quarto em direção a um lugar especial onde é possível se tornar "o rei dos

monstros". O leitor é tocado por uma "selvageria" que cresce página a página, e coincide com o espaço ocupado pelas imagens também cada vez maior. Neste livro ilustrado, Sendak conduz o leitor e o põe diante de silêncios propositais, embalando o ritmo da narrativa numa tensão que ascende para depois descender. Usando frases curtas e precisas afirma toda a potência de seu texto e faz um livro para a infância com várias camadas de leitura.





Ao folheá-lo, vemos como o projeto gráfico do livro e as ilustrações valorizam as palavras, em um jogo de presenças e ausências que contribuem para a emoção da história.

O L E I T O R E A L E I T U R A D O L I V R O I L U S T R A D O

***O bom livro permite que a criança perceba
a força criativa da palavra e da imagem.***

Cristiane Rogerio

aula* 05/10/2019

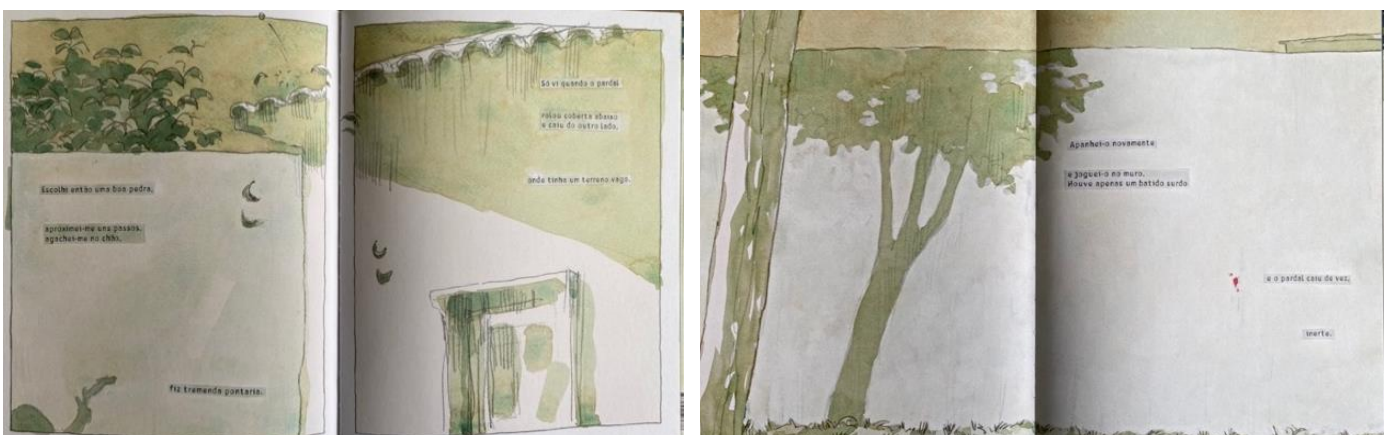
A frase acima faz referência à Lígia Cademartori (1946-2015), pesquisadora do livro para a infância, ao levantar algumas questões: *no exame de um livro para criança que se apresente como literário, pode-se iniciar uma avaliação procurando a resposta à seguinte pergunta: esse livro permite que a criança perceba a força criativa da palavra ou da imagem? Ou não há nele nenhuma novidade, nada que atraia ou prenda a atenção no arranjo dos signos, no modo como foi composto?*

Essa reflexão me ajuda a questionar a busca pelo "futuro leitor". Tantas vezes repetido, deixa de lado como as crianças, ainda bem pequenas, fazem leituras do mundo à sua volta. Romper com o conceito de criança que virá a ser me

parece ter relação direta com a promoção de uma literatura para a infância de qualidade.

É desta forma também que podemos pensar no que consideramos “leitura de imagens”. Quando lemos, estabelecemos relações entre partes, influenciados por contextos, nos quais se incluem também experiências individuais anteriores. Assim como em qualquer leitura - mesmo as dos textos longos, já mais comum na vida adulta. Portanto quanto maiores forem as experiências estéticas do leitor, em suas formas mais diversas, maiores as condições de aprofundar a leitura de imagens, ultrapassando a fronteira do olhar imediato. E deixar as crianças criarem suas hipóteses.

Um livro também existe a partir da maneira de manuseá-lo, abrindo possibilidades e entendimentos em vez de fechar-se numa leitura única. É possível ultrapassar os limites das páginas e experimentar o tempo da narrativa no virar das folhas, o tempo de cada imagem, dos silêncios e das palavras textuais. Este uso das linguagens pode favorecer até mesmo a abordagem de temas mais difíceis, ampliando o acervo do mediador.



O livro **O matador**, de Wander Piroli e Odilon Moraes, é um grande desafio para os leitores - muitas vezes mais aos adultos do que às crianças. O início não dá muitas pistas sobre o porquê do

título da obra. O leitor conhece um grupo de meninos e a dificuldade de um deles se autoafirmar no desejo de conseguir matar um pardal, e sentir-se tão forte como os amigos. Com a possibilidade desta versão do texto em livro ilustrado, em que a sequência de imagens é imprescindível para a compreensão da narrativa, reforça-se de outra maneira o conflito vivido pelo personagem principal. No final da história, diante da grande conquista, ele não está satisfeito. A última imagem tira o leitor do lugar de conforto e o coloca diante da dor do crescimento, da frustração e do arrependimento. O jogo das linguagens como mais uma forma de trazer temas duros aos livros para a infância.

L I V R O I L U S T R A D O , A R T E E L I T E R A T U R A

***A vida é feita de absurdos e não de relações causais.
O absurdo presente nos contos nos leva
a suportar os absurdos da vida.***

Giuliano Tierno

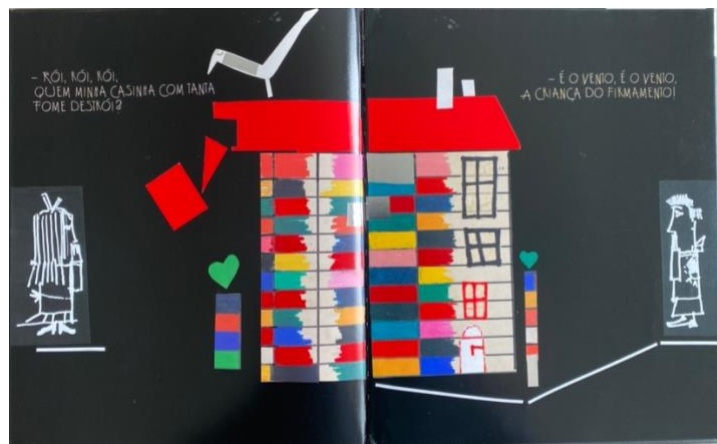
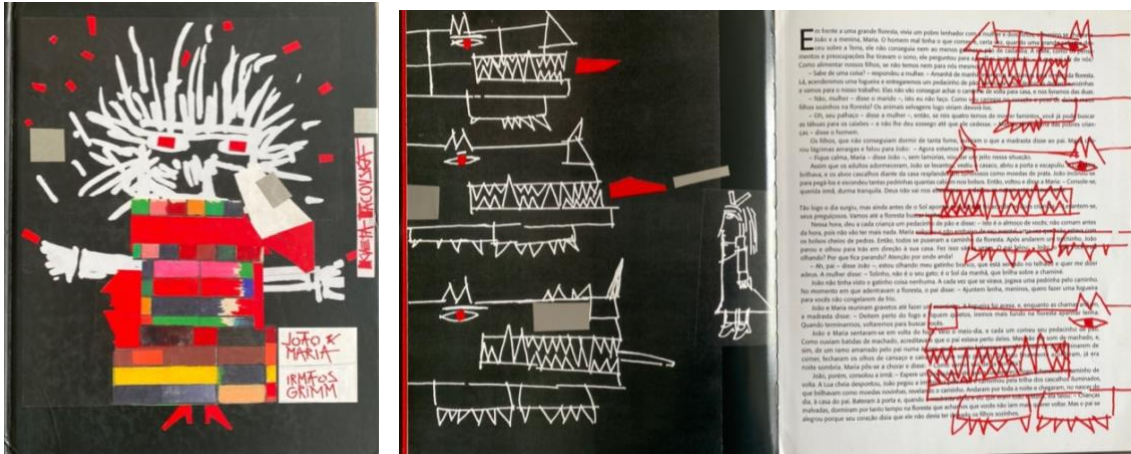
aula* 30/11/2019

A arte é capaz de dar a um objeto a visão da *primeira vez*, oferece novos pontos de vista, avança para além do automatismo do olhar, fugindo do eterno reconhecimento de formas ou funções.

O conceito de belo está, muitas vezes, ligado à memória afetiva e à formação de imagens mentais desde a infância. Por isso, acho que a desestabilização trazida pelas imagens em certos Livros ilustrados é preciosa para as crianças.

A partir dessa perspectiva, acredito que o Livro ilustrado é arte, uma vez que oferece ao leitor a possibilidade de

ampliar olhares sobre o objeto livro, provocando surpresa e encantamento.



Kveta Pacovska consegue oferecer ao leitor a possibilidade de um olhar novo a uma história tradicional. Suas ilustrações para o conto **João e Maria**, dos Irmãos Grimm, extrapolam padrões num jogo em que desenhos se sobrepõem ao texto, retalhos de papel colorido compõem uma bruxa assustadora e figuras se repetem ao longo da narrativa, como testemunhas oculares da aventura vivida pelas crianças abandonadas na floresta. O leitor tem nas mãos uma verdadeira obra de arte.

A sedução pela beleza é uma das camadas do Livro ilustrado. A estética, porém, não garante a qualidade literária de uma obra, pois é preciso considerar outros elementos já expostos

aqui. Há um território próprio do Livro ilustrado e quem entra nesse território trabalha com a poética dos elementos! O livro literário dialoga com o que está dentro de nós, diferente do livro teórico que fala com o que está fora. A leitura literária nos desloca, nos desmancha, nos fragiliza, nos põe em contato e afeta nossa humanidade. Por isso, é muito mais árdua. A leitura literária abre oportunidades para momentos de liberdade e articulação de visões de mundo.



Não foi à toa que Anthony Browne escolheu uma floresta como espaço para os acontecimentos do livro **Na floresta**. Onde mais o protagonista encontraria personagens de contos de fadas como Chapeuzinho Vermelho, João (João e o pé de feijão), o Lobo Mau, entre outros? Na narrativa, repleta de diálogos, as imagens têm um papel fundamental. São elas que revelam o limite tênue entre real e imaginário e instigam o leitor a alcançar as camadas mais profundas da história.

Ambos os autores - Pacovska e Browne - ressaltam a característica de absurdo dos contos, lembrada pelo pesquisador Giuliano Tierno. Ao contrário de cair no impulso de facilitar ou amenizar as profundas questões humanas dos contos tradicionais, a linguagem híbrida do livro ilustrado aumenta a potência de *o absurdo presente nos contos* nos levar a suportar os absurdos da vida.

A E X P E R I Ê N C I A D O L I V R O I L U S T R A D O

Finalizar é uma forma de começar.

Edith Derdyk
aula* 08/08/2020

Neste trabalho, realizei uma colagem de frases e textos breves - como num jogo de perguntas e respostas - com anotações recolhidas do caderno que me acompanhou no percurso da pós-graduação. Desejo assim, terminar meu texto ao mesmo tempo em que o abro para novos começos, caminhos e encontros. Pode o livro ilustrado ser uma *experiência* nos termos definidos por Larrosa?

Não é possível esperar de um livro algo que ele não pode nos dar; não é possível obter de um livro algo que não podemos receber. A noção de nosso próprio não-saber nos dá humildade e revela caminho para o próximo passo.

Encerro aqui uma parte do caminho. Entrego o suporte em que deitam gestos de escrita dos últimos dois anos, lugar que

também suporta as palavras de hoje. O livro segue, mesmo depois de pronto, abrindo e ampliando conversas.

Referências bibliográficas

- CADEMARTORI, L. 1980, O que é literatura infantil, Brasiliense
- VAN DER LINDEN, S. 2018, Para ler o livro ilustrado, Sesi/SP
- HEIDEGGER, M. 2015, A caminho da linguagem, Ed. Vozes
- BARTHES, R. 1980, Aula, Cultrix
- ANDRUETTO, M. T. 2012, Por uma literatura sem adjetivos, Pulo do gato
- RODARI, G. 1982, Gramática da fantasia, Summus
- MUNARI, B. 2007, Fantasia, Edições 70
- LARROSA, J. 2014, Tremores: escritos sobre experiência, Autêntica
- DERDYK, E. 2013, Entre ser um e ser mil, Senac/SP
- CARRIÓN, U. 2011, A nova arte de fazer livros, C/Arte
- GOLDIN, D. 2012, Os dias e os livros – Divagações sobre a hospitalidade da leitura, Pulo do gato
- LEME BRITO, L. P. 2015, Ao revés do avesso, Pulo do gato
- PIVETTI, M. 2019, A fantasia, o design e a literatura para a infância, Limiar

Livros ilustrados

- RAMPAZO A., Se eu abrir esta porta agora, Sesi-SP
- MUNARI B., Na noite escura, Cosac e Naify
- LIMA G., MASSARANI M. e MELLO R., Vizinho, vizinha, Companhia das letrinhas
- LIAO J., À esquerda, à direita, SM
- KLASSEN J., Este chapéu não é meu, WMF Martins Fontes
- SENDAK M., Onde vivem os monstros, Cosac Naify
- PIROLI W. e MORAES O., O matador, Cosac Naify
- PACOVSKA K. e IRMÃOS GRIMM, João e Maria, Cosac e Naify
- BROWNE A., Na floresta, Pequena Zahar

Todas as citações marcadas com (*) se referem às aulas ministradas por professores durante o curso de pós-graduação Livro para infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, na Casa Tombada, entre 2019 e 2020.